



NICOLAU MAQUIAVEL

O filósofo viveu entre 1469 a 1527. Natural de Florença, na época um Estado separado da Itália, Maquiavel desenvolveu diversos aspectos relevantes acerca da política.

Uma das tantas fascinações do autor consiste em compreender como ocorre a conquista, a manutenção e a perda do poder.

Maquiavel, retratado por Santi di Tito. (Museu Palazzo Vecchio, Florença)

VIDA E OBRA DE NICOLAU MAQUIAVEL.

1469: nascimento de Maquiavel, em 04 de maio.

1498: é nomeado chanceler e, mais tarde, secretário das Relações Exteriores de Florença. Essas funções não detiam tanto poder, apenas tratavam de representações e redações de textos oficiais.

1502-1503: Maquiavel passa cinco meses como embaixador junto a César Borgia, filho do papa Alexandre VI, cuja política enérgica e sem escrúpulos o encheu de admiração.

1512: ocorre um golpe no qual a república é dissolvida e Lourenço de Médici assume o trono.

1513-1516: exilado e preso, Maquiavel escreve *O Príncipe*. Nele, analisa a política de forma estratégica.

Ainda no exílio, Maquiavel escreve *A arte da guerra*, tratando da extinção das forças armadas permanentes, por ameaçarem a república, e a criação de milícias populares. Também é nesse período que o filósofo redigiu *Comentários sobre os primeiros dez livros de Tito Lívio*. Este livro aborda a ascensão e o declínio da organização político-militar romana comparada à época de Maquiavel.

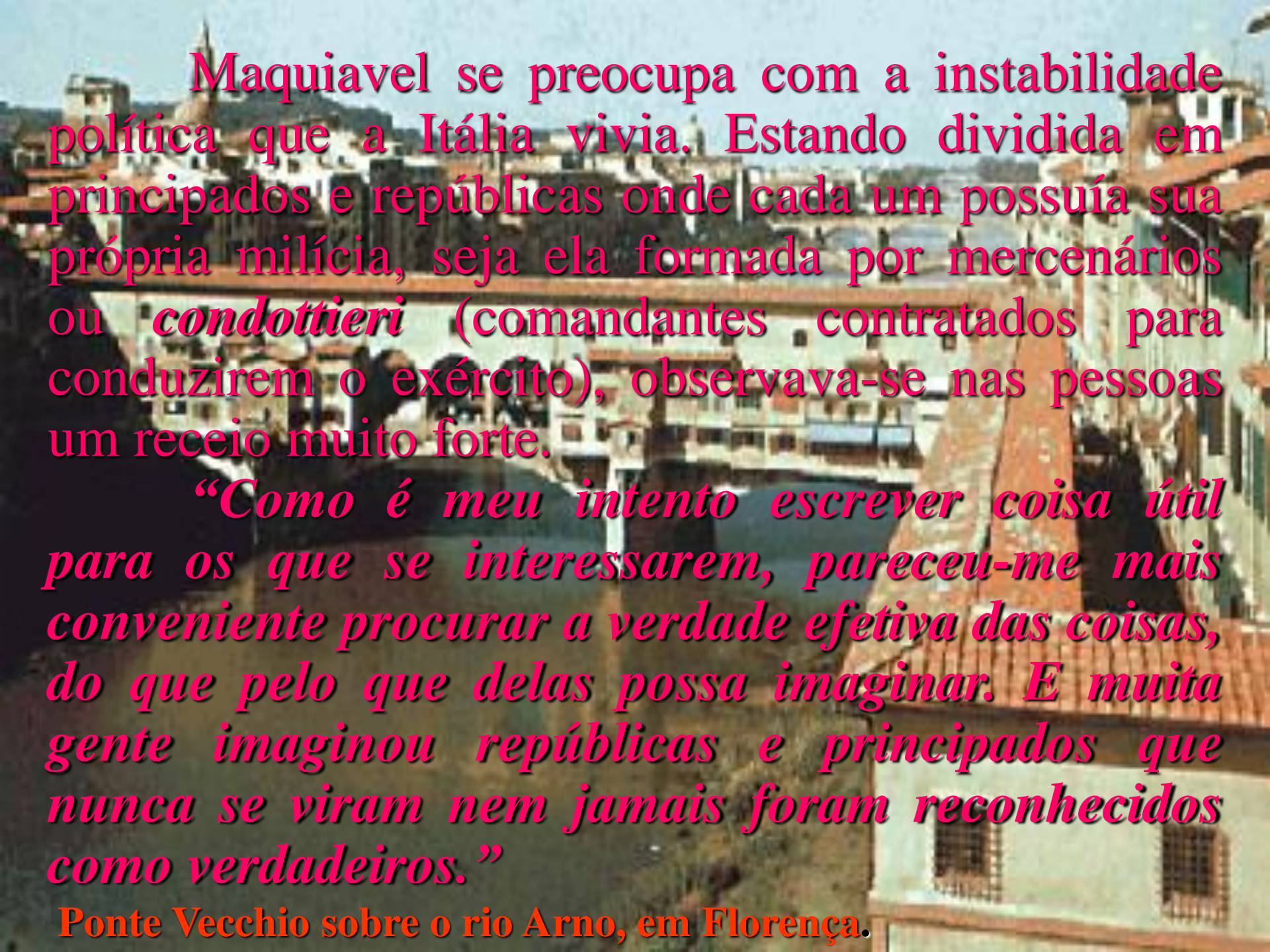
1520: Maquiavel tornou-se historiador oficial da república e começou a escrever as *Histórias de Florença*, consagrada como primeira obra da historiografia moderna.



Desde os tempos de Maquiavel, a Itália consistia em um aglomerado de pequenos reinos ou repúblicas isoladas que, após tantos problemas, se organiza tardiamente como um Estado moderno.

Somente em fins do século XIX é que a Itália consegue a unificação.

Data da anexação, primeiro ao Reino da Sardenha e, depois de 1861, ao Reino da Itália



Maquiavel se preocupa com a instabilidade política que a Itália vivia. Estando dividida em principados e repúblicas onde cada um possuía sua própria milícia, seja ela formada por mercenários ou *condottieri* (comandantes contratados para conduzir o exército), observava-se nas pessoas um receio muito forte.

“Como é meu intento escrever coisa útil para os que se interessarem, pareceu-me mais conveniente procurar a verdade efetiva das coisas, do que pelo que delas possa imaginar. E muita gente imaginou repúblicas e principados que nunca se viram nem jamais foram reconhecidos como verdadeiros.”

Ponte Vecchio sobre o rio Arno, em Florença.

O Príncipe.

Escrito em 1513 e dedicado a Lorenzo de Médici, este livro provocou inúmeras interpretações e controvérsias. À primeira vista, esta obra parece defender o absolutismo e o mais completo imoralismo. *“É necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe valer-se disso segundo a necessidade.”*

A leitura apressada de *O Príncipe* levou à criação do mito do maquiavelismo, que atravessou séculos. Na linguagem comum, maquiavélico é o indivíduo sem escrúpulos, traiçoeiro, astucioso que, para atingir seus fins, usa de mentira e má fé, enganando aos demais com sutileza.

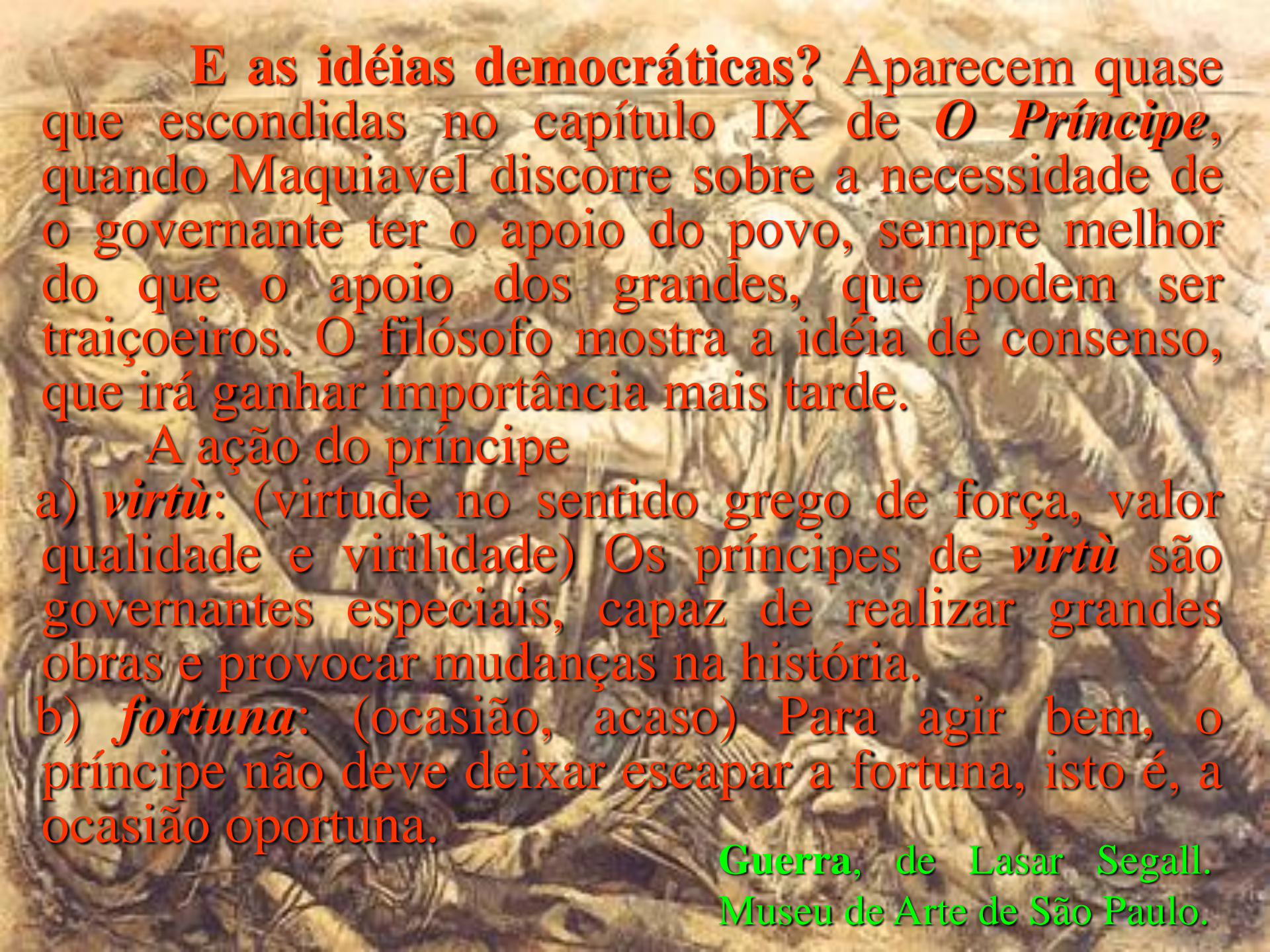
Coluna Trajana, Roma.

Cuidado com interpretações simplistas!

Maquiavel trouxe inovações à filosofia política. Quanto ao príncipe (líder), o poder deve ser conquistado e mantido, e para tanto, justifica-se o poder absoluto. Posteriormente, ao alcançar-se a estabilidade, é possível e desejável a instalação do governo republicano.

Lembre-se! A república é a forma de governo em que o poder é exercido por um chefe de Estado eleito, (de forma direta ou indireta), para cumprir um mandato por tempo predeterminado.

Cícero discursando. Cesare Maccari. Palácio Madama, Roma.



E as idéias democráticas? Aparecem quase que escondidas no capítulo IX de *O Príncipe*, quando Maquiavel discorre sobre a necessidade de o governante ter o apoio do povo, sempre melhor do que o apoio dos grandes, que podem ser traiçoeiros. O filósofo mostra a idéia de consenso, que irá ganhar importância mais tarde.

A ação do príncipe

a) *virtù*: (virtude no sentido grego de força, valor, qualidade e virilidade) Os príncipes de *virtù* são governantes especiais, capazes de realizar grandes obras e provocar mudanças na história.

b) *fortuna*: (ocasião, acaso) Para agir bem, o príncipe não deve deixar escapar a fortuna, isto é, a ocasião oportuna.

Guerra, de Lasar Segall.
Museu de Arte de São Paulo.

Segundo Maquiavel, de nada adiantaria o príncipe ser virtuoso, se não soubesse ser precavido ou ousado e aguardar a ocasião propícia, aproveitando o acaso e a sorte das circunstâncias, como observador atento do curso da história.

A fortuna de pouco serve sem a *virtù*, pois pode se transformar em mero oportunismo. Quando o príncipe é virtuoso, não se trata de ser bom e justo conforme os preceitos da moral cristã, mas sim daquele que tem a capacidade de perceber o jogo de forças da política, para então agir a fim de conquistar e manter o poder.

Passeata do movimento *Diretas já!*
Rio de Janeiro. 1984.

A estrutura geral de *O Príncipe*.

I- Espécies de principados.

II- Principados hereditários.

III- Principados mistos.

IV- Ocupação do reino de Dario por Alexandre.

V- Principados e cidades que possuíam leis próprias antes da conquista.

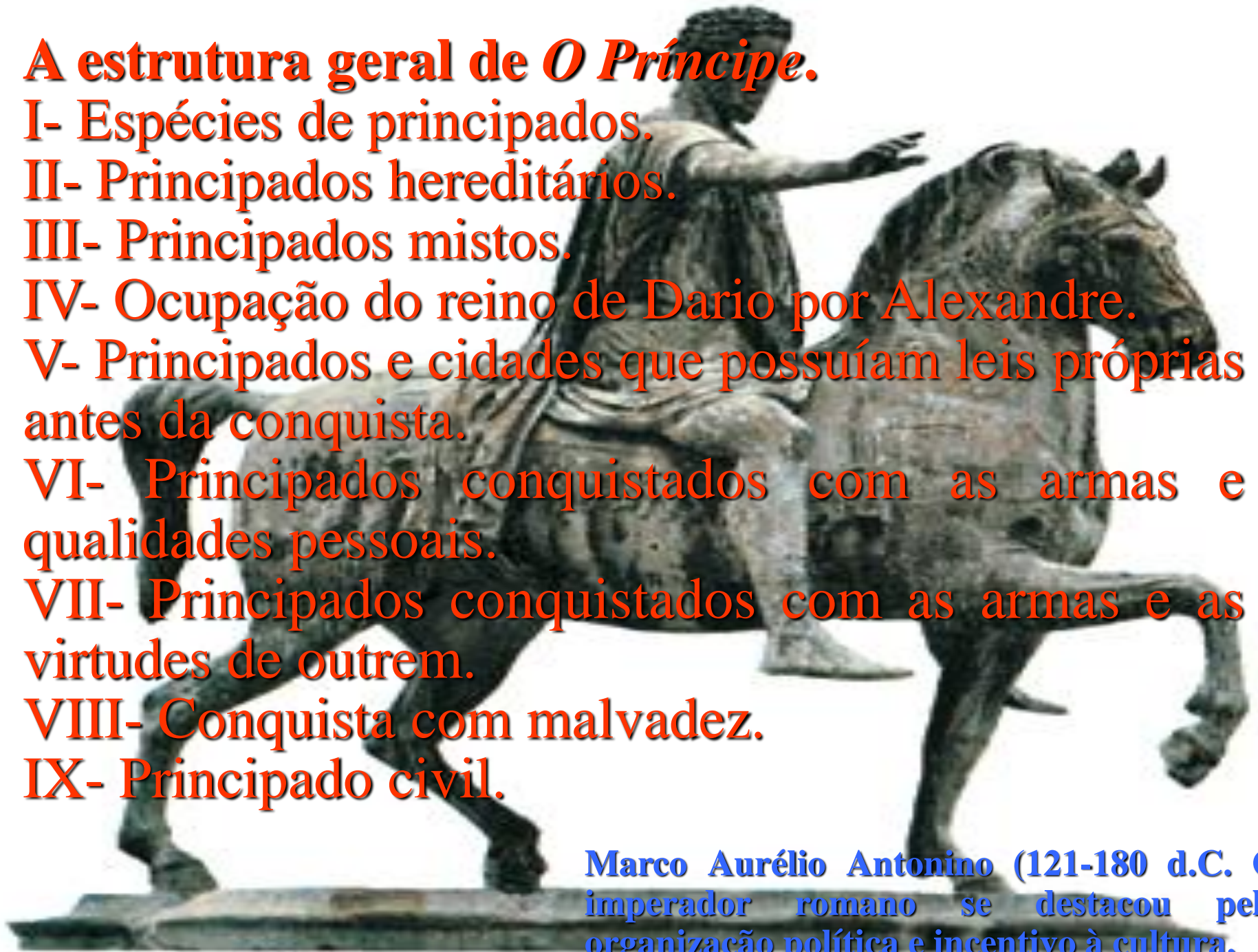
VI- Principados conquistados com as armas e qualidades pessoais.

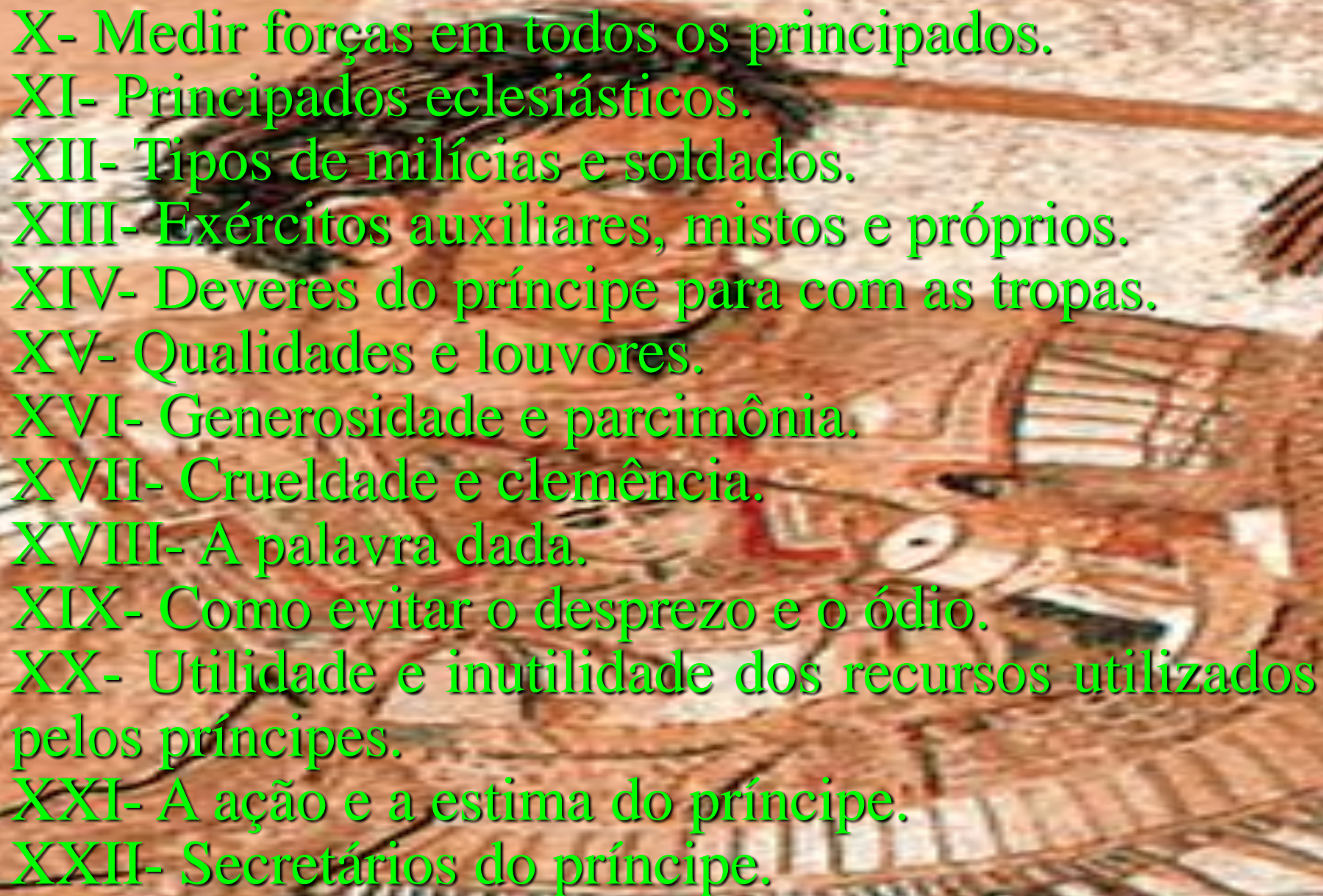
VII- Principados conquistados com as armas e as virtudes de outrem.

VIII- Conquista com malvadez.

IX- Principado civil.

Marco Aurélio Antonino (121-180 d.C. O imperador romano se destacou pela organização política e incentivo à cultura.



- 
- X- Medir forças em todos os principados.
XI- Principados eclesiásticos.
XII- Tipos de milícias e soldados.
XIII- Exércitos auxiliares, mistos e próprios.
XIV- Deveres do príncipe para com as tropas.
XV- Qualidades e louvores.
XVI- Generosidade e parcimônia.
XVII- Crueldade e clemência.
XVIII- A palavra dada.
XIX- Como evitar o desprezo e o ódio.
XX- Utilidade e inutilidade dos recursos utilizados pelos príncipes.
XXI- A ação e a estima do príncipe.
XXII- Secretários do príncipe.

Alexandre, o grande.
Mosaico. Museu de Nápoles.

XXIII- Como evitar os adúladores.

XXIV- Perdas de Estados.

XXV- Influência da fortuna nas coisas humanas e resistência.

XXVI- Exortação para retomar a Itália e libertá-la dos “bárbaros.”

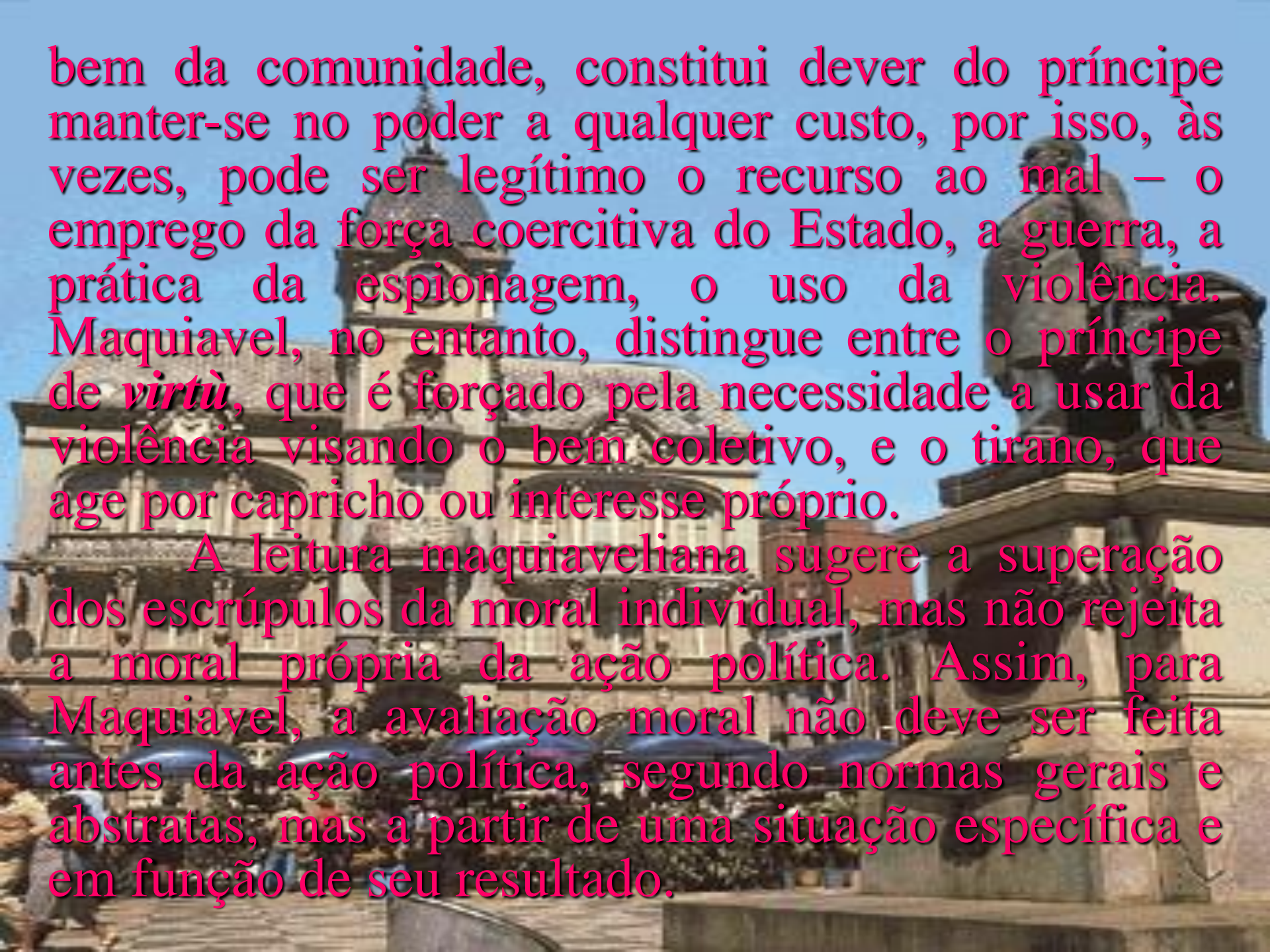


Cavalo de Tróia. Mestre Eneida.

A separação entre ética e política.

Maquiavel faz uma reavaliação das relações entre ética e política. Por um lado, é defendida a moral laica (secular, naturalista, diferente da moral cristã); por outro, é estabelecida a autonomia da política, negando a anterioridade das questões morais na avaliação da ação política.

A nova ética analisa as ações não mais em função de uma hierarquia de valores, mas em vista das consequências, dos resultados e das ações políticas. Não se trata de amoralismo, mas de uma nova moral centrada nos critérios de avaliação do que é útil à comunidade: se o que define moral é o



bem da comunidade, constitui dever do príncipe manter-se no poder a qualquer custo, por isso, às vezes, pode ser legítimo o recurso ao mal – o emprego da força coercitiva do Estado, a guerra, a prática da espionagem, o uso da violência. Maquiavel, no entanto, distingue entre o príncipe de *virtù*, que é forçado pela necessidade a usar da violência visando o bem coletivo, e o tirano, que age por capricho ou interesse próprio.

A leitura maquiaveliana sugere a superação dos escrúpulos da moral individual, mas não rejeita a moral própria da ação política. Assim, para Maquiavel, a avaliação moral não deve ser feita antes da ação política, segundo normas gerais e abstratas, mas a partir de uma situação específica e em função de seu resultado.